A PALAVRA DO PRESIDENTE HONORÁRIO

Fernandes Távora

Estamos a celebrar um ritual. E os ritos e os símbolos, no dizer de Gustave Le Bon, transcendem a vontade individual e se constituem no "mais sólido apoio da vida religiosa e social Não há lugar na sociedade para os que pretendem se libertar dos ritos e desprezar os símbolos".

O ritual desta noite é o desdobramento de um outro, antigo de cinco lustros, pelo qual, num belo dia de maio, fizestes transpor os umbrais dêste templo do saber, reverente, mas erecto, o velho colega a quem hoje conferis a magna distinção de Presidente de Honra dêste conspícuo sodalício

Qual o alcance dêsse gesto simbólico que me da a tutela espiritual do Instituto, ao lado das figuras insignes do Barão de Studart e de Thomaz Pompeu?

Olhando para o passado, vejo que bem longe vai aquêle 4 de março de 1887, quando um grupo de intelectuais cearenses se reuniu para fundar o Instituto do Ceará, num elogiabilíssimo esfôrço de preservação do rico acervo histórico do nosso Estado e maior expansão de nossa cultura O que tem representado o Instituto na vida cultural do Ceará, durante seus primeiros cinquenta anos de existência, descreve-o magistralmente Eusébio de Sousa em longo e documentado trabalho. Já os tempos modernos, especialmente as fases de mais brilhantes realizações, como a que ora atravessa a agremiação — podemos acompanhá-los através da pena cintilante de seu atual Presidente, general Carlos Studart Filho, em trabalho publicado na Revista do Instituto e em substancioso opúsculo de sua autoria. "A verdade é que o Instituto — testemunha o presidente Carlos Studart — em tempo algum congregou tão altos valôres mentais Nunca a atuação dêles se fêz sentir, como nos dias atuais, de maneira tão evidente, ampla, profunda e profícua, no cenário da vida intelectual da terra cearense E,

o que é ainda de notar-se, jamais houve, por parte de seus sócios, tanto empenho em emprestar brilho sempre maior à egrégia associação a que pertencem, cenáculo de grandes estudiosos."

Sob o comando seguro do timoneiro experiente que é o general Carlos Studart, em boa hora reeleito êste ano, pela unanimidade de seus pares, para nôvo período presidencial, podemos nos regozijar com a certeza da continuação, para a nossa querida Instituição, de seus dias de glória e dinamismo fecundo. Sinto-me à vontade para enaltecer a atuação do general Carlos Studart, elevando o conceito do nosso sodalício, não só no Brasil, como no exterior — pois nunca foi de meu feitio entoar graciosamente louvaminhas a quem as não merece, — máxime agora, quando meus 93 anos emprestam às minhas palavras a fôrça e o significado de um depoimento histórico.

Prezados consócios!

Muitos planos trazia eu de realizar grandes trabalhos de pesquisa histórica quando, há 26 anos, atraído por mãos amigas, transpus as portas dêste venerável Instituto.

Mas os homens públicos não se pertencem. A pátria exige dêles disponibilidade total e a ela — como tão bem o conceituou Siqueira Campos — "tudo se dá, nada se pede, nem mesmo compreensão". Imbuído desta mística, bem cedo lhe sacrifiquei todos os meus pendores naturais, desde a vocação militar até a inclinação para a pesquisa histórica, que esperava poder realizar no vosso culto convívio.

Absorvendo-me na luta pelo aprimoramento do processo democrático, desde os idos de 22, outra alternativa não me foi oferecida senão a dedicação integral às lides políticas, na tribuna parlamentar e na trincheira da imprensa, através do jornal de minha propriedade, *A Tribuna*. A Revolução de 30 encontrou-me encarcerado — por coincidência no salão de frente desta nossa sede, onde, então, funcionava a Chefatura de Polícia, — como chefe civil do movimento revolucionário no Ceará.

De tôda uma longa vida de combate — iniciada, como médico recém-formado, percorrendo durante onze anos, num batelão, os ínvios afluentes do Alto Amazonas e continuada à frente do Govêrno do Ceará e em sucessivas legislaturas na Assembléia Estadual, na Câmara Federal e no Senado da República, até 1963 — se não pude apresentar ao Instituto a contribuição científica desejada, por outro lado me conforta o coração de patriota a consciência do dever cumprido para com meus concidadãos, até às últimas conseqüências.

Como saldo positivo posso considerar as grandes campanhas políticas de que participei desde o "Civilismo" de Ruy a "Reação Republicana" de Nilo Peçanha e Seabra a "Aliança Liberal" e a "Revolução de 30" que tanto contribuiram para o aperfeiçoamento de nossas instituições democráticas.

A luta em prol do "Municipalismo", defendido incansàvelmente por mim desde as Constituintes de 34 e 46, foi o ponto de partida para a reforma que assegurou aos municípios brasileiros o *status* que hoje desfrutam, como unidades básicas da federação.

Da campanha por mim sustentada, juntamente com Artur Bernardes, contra a Itabira Iron Co., resultou a criação da Companhia Vale do Rio Doce, de tão decisiva importância para a nossa economia ferrífera .

A distilação do nosso xisto betuminoso, pela qual me bati no Senado, vejo-a agora retomada pela Petrobrás, depois de tantos anos perdidos, a qual irá, afinal, promover o aproveitamento dêsse nosso valioso combustível.

Na defesa intransigente dos interêsses do Nordeste, minha voz, na tribuna do parlamento e no trabalho silencioso das Comissões, foi uma das muitas que se uniram para chamar a atenção do Govêrno Federal sôbre os angustiantes problemas da nossa Região, levando-o à criação de órgãos de ajuda especializados, que abrem novas perspectivas ao desenvolvimento nordestino.

Senhores!

Uma figura, por todos os títulos admirável, em saudosa evocação me acompanha espiritualmente neste momento — a do Dr. Virgílio Augusto de Moraes, um dos fundadores dêste sodalício e a mim ligado por estreitos laços de parentesco e amizade. Seu nome se encontra vinculado às principais iniciativas pioneiras de nossa terra, no campo cultural, pois, além da do nosso venerando Instituto do Ceará, participou também da fundação da Academia Cearense de Letras e da Faculdade de Direito do Ceará, na qual, por longos anos, lecionou com rara mestria.

Palavras de carinhoso reconhecimento dirijo ao orador que me saudou, o ilustre professor Francisco Alves de Andrade que, com seu verbo privilegiado e cativante bondade, tão generosamente realçou o perfil do novel Presidente de Honra dêste Instituto.

Homem de formação telúrica, como eu, as raízes profundamente mergulhadas na terra cearense, mantém-se o professor Francisco Alves vigorosamente debruçado sôbre a problemática nordestina, havendo enriquecido, com substanciosos trabalhos, a bibliografia do Nordeste, seja no setor agronômico, seja no sociológico ou no econômico. Ao conteúdo erudito e atualizado de sua obra, cuida sempre de aliar a linguagem corrente e correta, clara e agradável — qualidades que, com tanta justiça, lhe abriram as portas, não só do nosso tradicional Instituto, como, igualmente, do Instituto do Nordeste e da Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará.

Não poderia encerrar esta oração sem expressar o meu comovido agradecimento ao ministro Mozart Soriano Aderaldo, a quem devemos

as galas desta noite inesquecível, dirigindo que está, na ausência do titular, com invulgar dinamismo, os destinos desta Instituição. Cultura polimorfa, não é êle sòmente o brilhante escritor e poeta integrante do famoso grupo "Clã", que tão válida contribuição tem oferecido à literatura brasileira. É também o conspícuo Ministro do Tribunal de Contas do Estado, por todos acatado por sua irrepreensível conduta e exação no cumprimento do dever. Mas é, sobretudo, o amigo erudito e eficiente, que já prestou inestimável colaboração, chefiando setor técnico altamente especializado no Govêrno de pessoa a mim ligada por laços de sangue e afeto, como mestre abalizado que é na administração pública, da qual tem sido partícipe em diferentes escalões, até suas cumeadas, em sucessivos Governos.

Colegas do Instituto!

A Presidência Honorária com que acabais de exaltar minha apagada velhice é a melhor recompensa que eu poderia receber, no ocaso da vida, quando o destino implacável me apaga a visão e a memória das cousas terrenas, fazendo-me sentir que arranco dalma, em cada período que escrevo, farrapos de solidão e de saudade!

Vosso nobre gesto afastou de mim nuvens de tristeza e de amargura e, na euforia que me domina o pensamento, sinto um grande desejo de bradar, como o Mouro de Veneza ao receber sua querida Desdêmona, nas praias de Chipre: "Si après les tempêtes viennent toujours de telles calmes, puissent les vents souffler jusqu'a réveiller la mort!"

Obrigado, amigos!